

## **Canal Energia – 27/08/2009**

### **Baixa demanda surpreende setor e chama a atenção para contratação de distribuidoras**

<http://www.canalenergia.com.br/zpublisher/materias/Noticiario.asp?id=73472>

Resultado pode ser reflexo de excedente de energia, levando essas empresas a refazer planejamento

Alexandre Canazio\* e Carolina Medeiros, da Agência CanalEnergia, Negócios

A baixa demanda do leilão de energia nova A-3, realizado nesta quinta-feira, surpreendeu o setor, chamando a atenção de agentes do setor, para uma possível tranquilidade de contratação por parte das distribuidoras de energia. Durante o certame foram negociados apenas 11 MW médios dos 2.252 MW habilitados pela Empresa de Pesquisa Energética, proveniente da ampliação da PCH Rio Bonito e da UTE Codora, movida a bagaço-de-cana. Uma das razões, na visão deles, pode ter sido a crise econômica, que resultou em aumento de excedente de energia, o que pode ter levado essas empresas a refazer o planejamento.

O presidente da Empresa de Pesquisa Energética, Mauricio Tolmasquim, destacou que o país deve ter sobra de até 4,7 mil MW médios em 2014. Mais que a energia assegurada das usinas do rio Madeira (RO, 6.600 MW). "Isso dá mais conforto de fazer leilões mais tranquilos", avaliou Tolmasquim. Para o coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Gesel/UFRJ), Nivalde de Castro, se comparado o leilão A-3 que aconteceu hoje com o do ano passado, pode-se verificar uma queda brusca na contratação de energia. Cálculos mostram que essa queda chega a 99%, quando comparado os 1.076 MW médios negociados em 2008 com os 11 MW médios comprados nesse ano.

"A crise realmente fez a carga cair e como as distribuidoras já têm contratos firmados, elas não compraram muito. A comparação com o leilão A-3 do ano passado dá o sinal do impacto da crise", disse o professor. Na mesma linha avalia Ricardo Lima, presidente da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres, para quem a baixa demanda mostra que as distribuidoras estão contratadas para os próximos anos. "Além disso, o preço ficou muito próximo do praticado no leilão de ajuste, o que acabou por não se tornar atrativo", comentou. O preço-teto estabelecido ficou em R\$ 144/MWh para fontes hídricas e em R\$ 146/MWh para outras fontes.

Lima destacou ainda que o governo perdeu a oportunidade de deixar os consumidores livres participarem desse leilão. "Enquanto sobra energia para as distribuidoras, o mercado livre está correndo atrás de energia disponível", salientou. Segundo ele, a Abrace em conjunto com outras associações vem pedindo desde o ano passado ao governo que os consumidores livres participem dos leilões realizados. "Queremos que os consumidores livres participem nas mesmas condições que as distribuidoras. Só estamos estudando como eles poderiam fazer o aporte de garantias", apontou.

Demanda - Castro, do Gesel, conta que estimava-se uma contratação de 200 MW. No entanto, segundo ele, as distribuidoras podem estar contando com usinas que ainda não saíram do papel. "Eu chamo de usinas de papel porque muitas térmicas que ganharam os leilões passados ainda não foram construídas, porque não estão tendo acesso a financiamento. E isso pode ser um problema mais na frente. Um bom exemplo são as térmicas do consórcio MC2", avaliou. O consórcio arrematou

seis térmicas na Bahia no leilão A-3 do ano passado, que demandam investimentos de cerca de R\$ 1,5 bilhão.

Mas a avaliação de Tolmasquim é de que o preço do gás natural foi o principal fator que motivou a baixa contratação no certame. "O preço do gás ainda está muito alto para o setor térmico. O gás é vendido por um preço fixo, que as térmicas têm que pagar mesmo que não usem. Isso torna proibitiva a participação enquanto não for resolvida essa questão", explicou o presidente da EPE, acrescentando que as térmicas pagam um encargo de opção de 10%. Para o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica, Nelson Hübner, as térmicas a gás terão um papel no parque gerador nacional. "Elas têm que entrar competitivas", salientou. Além disso, ponderou, o país poderá escolher que fonte contratará. "Há estoque suficiente de bons projetos hidrelétricos. E no futuro próximo vai haver mais oferta de gás nacional com o pré-sal", observou o diretor-geral da Aneel.

O resultado também foi uma grande surpresa para o consultor da Andrade & Canellas, Silvio Areco. "Eu achei que a oferta poderia empatar com a demanda ou a demanda ficar um pouco menor, mas o que aconteceu foi algo realmente surpreendente", comenta. Na visão do consultor, o resultado é sinal de que não se prevê um crescimento do mercado consumidor até 2012. No entanto, o consultor José Said de Brito, da Excelência Energética, pondera que o resultado de baixa oferta já era esperado após a queda do número de cadastrados para o de empresas habilitadas.

Brito defende que o modelo de leilão seja revisto, inclusive pensando-se em certames regionais ou por fonte, o que evitaria a mistura num mesmo de leilão de fontes com realidades diferentes. "Tem sido debatida a realização de leilões regionais, leilões por fonte. Eu considero a necessidade de se fazer uma boa análise visando uma reestruturação do modelo de leilão. Eu diria que a segmentação por fonte pode ser bastante interessante porque você não disputa vários tipos diferentes de empreendimentos", analisou.

Para Brito, o país está vivendo um momento de certa tranquilidade em relação à demanda, mas deve ficar atento às reações de mercado. "Estamos vivendo um momento de calma, mas não podemos fechar os olhos para o que pode acontecer. Se tem uma aparente tranquilidade em relação ao atendimento do mercado, tem uma coisa muito evidente também - os investidores não estão aceitando as tarifas", ressaltou o consultor.

O vice-presidente executivo da Associação da Indústria de Cogeração de Energia, Carlos Roberto Silvestrin, avalia que o resultado ficou dentro do previsto para biomassa. O executivo também defendeu a realização de leilões por submercado. "Tem gente que faz oferta no Nordeste, quando se precisa de energia no Sudeste. Achamos que geração distribuída pode ser contratada mais focada no submercado da qual ela pertence do que simplesmente se contratar uma baixa capacidade de ingestão de energia", salientou Silvestrin.

O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, acredita que o leilão pode ter sido um custo desnecessário para o governo, considerando que a baixa demanda poderia ser atendida pelo próximo leilão A-5 e eventualmente em um leilão de ajuste (A-1). "O leilão foi frustrante porque não foi capaz de atender a 92% da demanda que foi colocada. Porém, chama-se a atenção para o fato de que talvez esse leilão não tivesse sido justificado tendo visto o custo de sua realização e a demanda que era muito pequena e que podia ser atendida de outra forma menos custosa e mais eficiente", concluiu Sales.

Para Antonio Carlos Machado, presidente do conselho de administração da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica, os leilões vão adquirir os formatos nos quais foram pensados. "Os leilões A-5 vão ser hídricos como foram pensados e os A-3 serão complementares, térmicos", observou. Hubner lembrou que a situação coloca os leilões mais próximos do lado do consumidor do que dos vendedores.

Distribuidoras do Norte - Areco, da Andrade & Canellas, aponta para um detalhe que chamou a atenção: a participação da Manaus Energia e da Eletroacre no certame. "Essas empresas já começaram a olhar as compras do Sistema Interligado. E apesar do leilão estar com um preço de referência de R\$ 140/MWh, essas distribuidoras trabalham com um custo de geração maior ainda porque a base deles é de geração térmica", salientou.

\* De São Paulo